



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Tolstói determinista? História, determinação e liberdade em *Guerra e Paz* (1863-1869)

Determinist Tolstoy? History, determination and freedom in War and Peace (1863-1869)

Autor: Erick Oliveira da Silva Santos
Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil
Edição: RUS, Vol. 15. Nº 27
Publicação: Novembro de 2024
Recebido em: 01/06/2024
Aceito em: 16/09/2024

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.225912>

SANTOS, Erick Oliveira da Silva.
*Tolstói determinista? História, determinação
e liberdade em Guerra e Paz (1863-1869).*
RUS, São Paulo, v. 15, n. 27, pp. 263-281, 2024



Tolstói determinista? História, determinação e liberdade em *Guerra e Paz* (1863-1869)

Erick Oliveira da Silva Santos*

Resumo: O principal objetivo deste artigo é analisar as complexas relações entre História, determinação e liberdade desenvolvidas em *Guerra e Paz* (1863-1869). Primeiro, analiso as principais características da História para Liev Tolstói. Segundo, investigo as relações entre determinação e liberdade em *Guerra e Paz*. Por último, apresento os meios, descobertos pelos personagens do romance, para agir na História. Afasto-me da hipótese, defendida por Isaiah Berlin, de que Liev Tolstói tinha uma posição determinista de História. Creio que o escritor russo, através de *Guerra e Paz*, defendeu um equilíbrio entre o passado, o presente e o futuro para criar possibilidades de ações profícuas sobre o mundo. Assim, valoriza-se as tradições camponesas russas com o intuito de desenvolver ações no presente, criar possibilidades de futuros e entender, mesmo que minimamente, os mistérios do porvir.

Abstract: The main aim of this paper is to analyze the complex relationships between History, determination and freedom developed in *War and Peace* (1863-1869). First, I analyze the main characteristics of History for Lev Tolstoy. Secondly, I investigate the relationship between determination and freedom in *War and Peace*. Finally, I present the means discovered by the novel's characters to act in History. I distance myself from the hypothesis, defended by Isaiah Berlin, that Lev Tolstoy had a deterministic position on History. I believe that the Russian writer, through *War and Peace*, defended a balance between the past, the present and the future with the aim of creating possibilities for fruitful actions in the world. Thus, Russian peasant traditions are valued in order to develop actions in the present, create possibilities for the future and understand, even if only minimally, the mysteries of the future.

Palavras-chave: Liev Tolstói; *Guerra e Paz*; História; Determinação; Liberdade
Keywords: Lev Tolstoy; *War and Peace*; History; Determination; Freedom

A História viva

* Mestre (2023) e Doutorando em História Social pela UFF pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduado em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em 2020. Possui experiência na área de História Contemporânea, com ênfase nos temas: Teoria da história, História da historiografia, História da literatura russa e Intelectuais russos, tendo como principal foco as ficções de Liev Tolstói. <http://lattes.cnpq.br/3203486538196044>; <https://orcid.org/0000-0003-0666-2884>; ericksantos@id.uff.br

Para Liev Tolstói, a História é como um relógio gigante com “inúmeras rodas e roldanas” que marcam e ditam o tempo.¹ Os componentes do relógio são os infinitos elementos dos acontecimentos históricos, compostos principalmente por seres humanos. Nesse sentido, o resultado final da batalha de Austerlitz (1805) foi a consequência “de todos os complexos movimentos humanos daqueles cento e sessenta mil russos e franceses” que, com todas as suas “paixões, desejos, arrependimentos, humilhações, sofrimentos, acesso de orgulho, de medo e de entusiasmo”, deslocaram o ponteiro “da História mundial no mostrador da História da humanidade”. A História é uma complexa trama na qual os infinitos elementos do mundo se relacionam e se transformam constantemente.²

Não é à toa que Tolstói propôs a teoria dos infinitesimais: “Apenas admitindo uma unidade infinitesimal para observação – o diferencial da História, ou seja, as tendências homogêneas das pessoas – e alcançando a arte de integrar (fazer a soma dessas unidades infinitesimais) – podemos esperar apreender as leis da História”.³ A procura de leis parte da convicção de que o ser humano, incapaz de apreender as complexas relações entre as infinitas causas dos acontecimentos,

1 TOLSTÓI, Liev. *Guerra e paz*. Tradução de Rubens Figueiredo. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 310

2 Ibidem, p. 310.

3 Ibidem, p. 991.

acaba supervalorizando pequenos números de causas em detrimento de inúmeras outras do incessante fluxo do processo histórico. A teoria dos infinitesimais tem a potencialidade de corrigir “o erro inevitável que a mente humana não pode deixar de cometer quando examina unidades descontínuas de movimento em lugar do movimento contínuo”.⁴

As principais ideias dessa teoria são desenvolvidas através dos contatos de Tolstói com Mikhail Pogódin (1800-1875) e Serguei Urússov (1827-1897). Boris Eikhenbaum demonstra muito bem que a ideia de “diferencial da História” tem conexões com o livro *Aforismos Históricos* (1836) de Pogódin: “A História tem seus logaritmos, seus diferenciais e seus segredos”, os quais podem ser descobertos com a análise da liberdade e das limitações dos indivíduos em relação ao meio exterior.⁵ Já o cálculo infinitesimal aparece no livro *Uma Análise das Campanhas de 1812 e 1813* (1868), de Urússov, que aponta para “o fato de que, no mundo físico, toda interrelação é contínua, enquanto o homem, como ser moral, percebe todas as interrelações (funções) como desconectadas”. Por isso, é fundamental a organização de todas as unidades descontínuas (infinitesimais) numa soma e considerá-las no movimento contínuo, tornando possível a evidência de uma lei.⁶

É interessante notar que Tolstói desenvolve a teoria dos infinitesimais para se opor a algumas concepções de História disseminadas na sociedade russa da década de 1860. Eikhenbaum nota que, com *Guerra e Paz*, iniciou-se uma “séria batalha com a contemporaneidade, com a ideia de progresso e civilização”.⁷

4 Ibidem, p. 990.

5 POGÓDIN apud EIKHENBAUM, Boris. *Tolstoi in the sixties*. Translated by Duffield White. Michigan: Ardis, 1982, p. 204, tradução minha. Em inglês: “History has its logarithms, its differentials, and its secrets”. Na edição em inglês do livro de Eikhenbaum, o título da obra de Pogódin está como “Historical Aphorisms”.

6 URÚSSOV apud EIKHENBAUM, 1982, p. 220, tradução minha. Em inglês: “The fact that in the physical world every interrelationship (function) is continuous, while man, as a primarily moral being, perceives all interrelations as disconnected”. Na edição em inglês do livro de Eikhenbaum, o título da obra de Urússov está como “A Survey of the Campaigns of 1812 and 1813”.

7 EIKHENBAUM, 1982, p. 135, tradução minha. Em inglês, no original: “Serious battle with contemporaneity, with idea of progress and civilization”.

Os contatos com Pogódin e Urússov ajudaram na batalha, a ponto de Eikhenbaum defender a hipótese de que o autor de *Guerra e Paz* fazia parte de um grupo de pensadores arcaizantes que “lutaram em duas frentes ao mesmo tempo – como dilettantes, contra o grupo científico e seus representantes; e como nobres-arcaizantes, contra a *raznotchíntsy intelligentsia*”.⁸

Tolstói atacou não apenas a *intelligentsia*, com uma concepção de arte e de mundo baseada no cientificismo, antiesteticismo e utilitarismo, como Nikolai Tchernychévski (1828-1889) e Nikolai Dobroliúbov (1836-1861). Historiadores como Adolphe Thiers (1797-1877), George Gottfried Gervinius (1805-1871), Edward Gibbon (1737-1794) e Henry Buckle (1821-1862) foram os principais alvos em *Guerra e Paz*, pois tomaram “uma série arbitrária de acontecimentos contínuos e [a consideraram] separadamente das demais” e, além disso, consideraram “a ação de um homem, um rei, um comandante militar, como a soma das vontades das pessoas, quando a soma das vontades das pessoas nunca se expressa na vontade de um personagem”.⁹ Dessa convicção nasce a famosa crítica à ideia dos grandes homens, principalmente à figura de Napoleão Bonaparte, que, frequentemente representado como um gênio militar pelos historiadores, aparece em *Guerra e Paz* como um indivíduo mesquinho, ignorante, sem nenhum poder de ação. O maior problema nas ideias de grande homem, de gênio e de progresso é o total encobrimento dos infinitos elementos humanos que compõem os acontecimentos históricos:

A vida real das pessoas, com seus interesses básicos, como a saúde, a doença, o trabalho, o repouso, com seus interesses no pensamento, na ciência, na poesia, na música, no amor, na inveja, nas paixões, seguia sempre independente, alheia à proximidade ou hostilidade política em relação a Napoleão e alheia a todas as possíveis reformas.¹⁰

8 EIKHENBAUM, 1982, p. 213, tradução minha. Em inglês, no original: “Battled on two fronts at once – as dilettantes, against the scientific guild and its representatives; and as gentry-archaists, against the *raznotchintsy intelligentsia*”.

9 TOLSTÓI, 2017, p. 991.

10 Ibidem, p. 496.

Não por acaso, Eikhenbaum defende a hipótese de que Tolstói, junto com Pogódin e Urússov, foi um pensador arcaizante com bases intelectuais no eslavofilismo, por valorizar o indivíduo em sua vida cotidiana, manter “vivas as tradições e ideias de uma época passada” e ser antagônico “à vida contemporânea”. Entretanto, afasto-me de Eikhenbaum na medida em que creio que o autor de *Guerra e Paz* estava mais interessado nos infinitos elementos da História, representados pela vida cotidiana e humana.¹¹ Destaca-se uma contradição no pensamento de Tolstói, a teoria dos infinitesimais não seria demasiadamente mecânica e previsível, como num relógio em que todas as peças se encaixam perfeitamente numa fórmula? Onde estão os aspectos humanos, essencialmente vivos, imprevisíveis e infinitos?

São nas partes literárias que esses aspectos aparecem com mais força, principalmente nas narrativas dos acontecimentos de guerra. Na batalha de Borodinó (1812), por exemplo, um dos personagens principais, Pierre Bezúkhov, se depara com o misterioso fenômeno da guerra: “Tudo se passou de um modo estranho, obscuro e velado aos olhos de Pierre [...]. Uma bolinha preta surgiu diante de seus olhos, e no mesmo instante houve um baque [...]. Uma bala de canhão, outra e mais outra passaram por cima dele, caíram mais adiante, ao lado e atrás”. Isso já foi o suficiente para Pierre se desesperar e sair correndo para longe daquilo: “Para onde vou?”, pensou [...]. De repente, uma pancada terrível jogou-o para trás, sobre a terra. No mesmo instante, o fulgor de uma grande labareda iluminou-o e irromperam um estrondo, um estalo e um assovio que o ensurdeceram e ficaram ressoando”. Pierre foi acometido por uma força sobre-humana, capaz de submeter facilmente qualquer indivíduo e de transformar tudo por onde passa: “Quando voltou a si, [...] estava sentado com as mãos apoiadas na terra; a carroça de munição, perto da qual ele estava, não existia mais, só havia tábuas e trapos verdes queimados e espalhados pela grama chamuscada”.¹² É interessante perceber que a narrativa

¹¹ EIKHENBAUM, 1982, p. 208, tradução minha. Em inglês, no original: “Kept alive the traditions and ideas of a past era and were antagonistic toward contemporary life”.

¹² TOLSTÓI, 2017, p. 961-962.

de Tolstói tem muitas semelhanças com *A Cartuxa de Parma*, de Stendhal (1783-1842). Não à toa, o escritor russo tinha muito apreço pelo romancista francês:

Devo-lhe ter compreendido a guerra. Releia, em *A Cartuxa de Parma*, o trecho sobre a batalha de Waterloo. Quem, então, antes dele, havia descrito a guerra dessa maneira, ou seja, como ela realmente é? Lembra-se de Fabrice atravessando a batalha sem entender “absolutamente nada” sobre o que estava acontecendo [...]. Mais tarde, no Cáucaso, meu irmão que, antes de mim, havia sido oficial confirmou-me a veracidade das descrições de Stendhal. “Isso tudo – dizia-me ele – é pompa! E não existe, absolutamente, pompa na guerra”. Pouco tempo depois, na Criméia, bastou-me olhar para ver com meus próprios olhos.¹³

A História, para Tolstói, é como o fenômeno da guerra, implacável com qualquer ser vivo, inexorável, imprevisível e caótico. Será que existe alguma possibilidade de liberdade individual?

A raposa na vida de colmeia

No famoso ensaio “O porco-espinho e a raposa”, Isaiah Berlin defende a hipótese de que o autor de *Guerra e Paz* tinha uma visão determinista de mundo.¹⁴ Consequência do angustiante conflito interior entre a natureza de raposa, “que persegue vários fins, muitas vezes desconectados e até mesmo contraditórios”, e a necessidade de ser um porco-espinho, que busca por um “sistema mais ou menos coerente e articulado [através] de um princípio organizador único e universal”.¹⁵ Esse conflito de Tolstói, “entre sua experiência real [múltipla] e suas crenças [una], entre sua visão de vida [múltipla] e sua teoria

13 BOYER, Paul. Com Tolstói, em Iásnaia Poliana. In: RABELLO, Belkiss. *As cartilhas e os livros de leitura de Lev N. Tostói*. 2009. Dissertação de Mestrado em Literatura e Cultura Russas. Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russas do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009, p. 275.

14 É oportuno enfatizar que o termo “determinação”, destacado no título deste artigo, está relacionado ao determinismo, à ideia de existência de leis históricas (ou leis da necessidade, como será visto adiante) que subjuguem o indivíduo.

15 BERLIN, Isaiah. O porco-espinho e a raposa. In: TOLSTÓI, Liev. *Guerra e paz*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 1467.

[una] do que essa vida e ele próprio deveriam ser”, ajudou a desenvolver uma concepção de História profundamente cética e determinista.¹⁶

A tese central de Tolstói é que existe uma lei natural pela qual a vida dos seres humanos, tanto quanto a natureza, são determinadas; mas que os homens, incapazes de enfrentar esse processo inexorável, procuram representá-lo como uma sucessão de escolhas livres, atribuindo a responsabilidade pelo que acontece a pessoas por eles revestidas de virtudes ou vícios heroicos, a que chamam de “grandes homens”.¹⁷

Sabina Loriga, dialogando com o ensaio de Berlin, afirma que o determinismo de Tolstói “deve ser reconduzido a proporções mais justas”.¹⁸ O ceticismo aparece principalmente “nos momentos do romance em que o autor se exprime diretamente (o segundo epílogo e os capítulos mais teóricos)”. Nas partes literárias, por outro lado, “o romancista se rebela contra o autor [...]: permanece indispensável levar em consideração as partes plena e puramente narrativas do texto, [que] permitem perfurar a tela de ceticismo”.¹⁹ Nos personagens de *Guerra e Paz*, mesmo sendo “profundamente marcados por suas experiências sociais, [...] raros são os raciocínios impessoais fundados sobre as massas, as classes, as gerações [...]. Cada personagem tem um nome e uma história [...], alguma coisa de pessoal”.²⁰ A prosa tolstoiana “ignora a unidade, e suas explicações fogem da generalização: a única coisa que une verdadeiramente todos seus personagens é a rebelião do múltiplo contra o uniforme”.²¹ Enfim, Loriga permite entender que o profundo ceticismo de Tolstói não o impediu de buscar meios para a afirmação do indivíduo, limitado por natureza, em relação à História:

No coração da narração, Tolstói deixa de lado seus estados de alma céticos e propõe *outra maneira* de pensar a História

16 Ibidem, p. 1492.

17 Ibidem, p. 1486.

18 LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à História*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 202.

19 Ibidem, p. 203-204.

20 Ibidem, p. 207.

21 Ibidem, p. 208.

[...], ele sugere inverter a perspectiva e ver nos limites da História, em seu caráter inesgotável, uma de suas qualidades fundamentais [...]. Em suma, o que conta é parar de dissimular o não finito para tentar sugeri-lo.²²

Concordo com Loriga, creio que a raposa de Berlin deve ser libertada dos grilhões deterministas. Tolstói, durante boa parte de sua vida, foi oprimido pela consciência da infinitude do mundo, mas isso não o deixou submisso. Fato perceptível nas reflexões em *Guerra e Paz* sobre as leis da necessidade e a consciência de liberdade. O escritor russo destaca que, “em toda pessoa, a vida tem dois lados: a vida pessoal, que é tanto mais livre quanto mais abstratos são os seus interesses, e a vida elementar, de colmeia, na qual a pessoa cumpre inevitavelmente as leis a elas prescritas”.²³ É evidente uma complexa relação entre a História, com leis que determinam a vida dos seres vivos, e o indivíduo, com a consciência de liberdade intrínseca a qualquer pessoa. Esses dois fatores são inversamente proporcionais, se a liberdade diminui, a necessidade aumenta, e vice-versa. Medida que varia dependendo da relação das atividades humanas com três fundamentos: o mundo exterior, o tempo e as causas dos acontecimentos.

Sobre a relação do homem com o mundo exterior, as ações de um indivíduo “que vive em estreita ligação com outras pessoas em locais densamente povoados [...] são representadas como incontestavelmente menos livre e mais sujeitas à necessidade do que as ações de um homem solitário e isolado”.²⁴ Entretanto, até o homem isolado está sujeito às leis da necessidade, por estar sempre em contato com o meio exterior, “com um livro que lê, com o trabalho a que se dedica, [...] com o ar que o rodeia, até mesmo com a luz que ilumina os objetos”.²⁵ Já a relação do homem com o tempo é baseada no fundamento no qual “a vida e a atividade das pessoas que viveram séculos atrás e estão ligadas comigo no tempo não podem me

22 Ibidem, p. 210, grifo da autora.

23 TOLSTÓI, 2017, p. 741.

24 Ibidem, p. 1428.

25 Ibidem, p. 1428.

parecer tão livres quanto a vida contemporânea, cujas consequências me são ainda desconhecidas”.²⁶ Por outras palavras, quanto mais as atividades humanas estão distantes no tempo, mais serão representadas como menos livres, na medida em que os motivos dessas atividades são mais conhecidos. Por fim, a relação do homem com as causas dos acontecimentos baseia-se no “maior ou menor acesso que temos à infinita cadeia de causas”.²⁷ É impossível fugir das causas e das consequências dos fenômenos interiores, como questões psicológicas e fisiológicas, e dos fenômenos exteriores, relacionados aos acontecimentos históricos, compostos por outros seres vivos: “Se [...] ainda que apenas uma das inúmeras causas for conhecida por nós, logo reconhecemos uma determinada parcela de necessidade [...], reconhecemos menos méritos no ato virtuoso, menos liberdade no ato que parecia original”.²⁸

Evidencia-se que as leis da necessidade aparecem superiores ao indivíduo. Ideias semelhantes são identificadas nos *Aforismos Históricos*, de Pogódin: “O homem e a natureza estão inicialmente ligados por laços inquebráveis [...]. Por muito tempo, o homem permanece escravo da terra que habita [...]. A forma da vida do homem, a forma de seus pensamentos, é quase completamente determinada pela natureza”.²⁹ O determinismo geográfico salta aos olhos. Vejo, também, uma semelhança com as ideias das *Noites de São Petersburgo*, de Joseph de Maistre:

O anjo exterminador gira como o sol em torno desse infeliz globo [...], a imensa velocidade de seu movimento o faz presente ao mesmo tempo em todos os pontos de sua terrível órbita. Atinge [...] todas as pessoas da terra; ministro de uma vingança precisa e infalível, ele se lança sobre certas nações e as banha de sangue.³⁰

26 Ibidem, p. 1428-1429.

27 Ibidem, p. 1429.

28 Ibidem, p. 1430.

29 POGÓDIN apud EIKHENBAUM, 1982, p. 203, tradução minha. Em inglês: “Man and nature are at first connected by unbreakable ties [...]. For a long time man remains a slave of the earth he inhabits [...]. The shape of man’s life, the shape of his thoughts, is almost completely determined by nature”.

30 MAISTRE, Joseph de. *Les soirées de Saint-Petersbourg*. Lyon: J.B. Pélagaud, 1854, p. 32, tradução minha. Em francês, no original: “L’ange exterminateur tourne comme le soleil

O anjo exterminador é a própria História, divina, onipresente e implacável. Não é à toa que Tolstói muitas vezes chama a História de “Providência”: “A Providência obrigou todas essas pessoas, que pelejavam para alcançar seus objetivos pessoais, a colaborar para a concretização de um resultado enorme, que não estava nas expectativas de pessoa alguma”.³¹

Apesar da superioridade das leis da necessidade, a consciência de liberdade está presente na História: “A fim de compreender, observar, concluir, o homem precisa antes de consciência de si como uma pessoa viva [...]. E essa vontade, que constitui a essência de sua vida, a pessoa a entende e só pode entendê-la como livre”.³² O problema aparece quando essa consciência de si como um ser livre é “separada e independente da razão”, na medida em que, se o indivíduo refletisse sobre todos os elementos de suas ações, evidenciaria as leis da necessidade: “[Uma] série de experiências e de raciocínios prova para a pessoa que a liberdade completa, que ela reconhece em si, é impossível, que todas as suas ações dependem [...] dos motivos que agem sobre ela; mas a pessoa nunca se submete às deduções”.³³ Parece que existe apenas a ilusão de liberdade. No fim, tudo está determinado pela História. Mas Tolstói não para por aí, a ilusão de liberdade é positiva, uma vez que, sem ela, o indivíduo “não entenderia a vida como não poderia viver nenhum momento sequer [...]. Para uma pessoa, imaginar a si mesma sem liberdade é o mesmo que se imaginar privada de vida”.³⁴ A ilusão é mais importante que a razão, “se admitirmos que a vida humana pode ser governada pela razão, a possibilidade da vida é aniquilada”, e não existiriam seres humanos, muito menos a História.³⁵

autour de ce malheureux globe [...], l'immense vitesse de son mouvement le rend présent à la fois sur tous les points de sa redoutable orbite. Il frappe [...] tous les peuples de la terre ; ministre d'une vengeance précise et infaillible, il s'acharne sur certaines nations et les baigne dans le sang”.

31 TOLSTÓI, 2017, p. 830.

32 Ibidem, p. 1423.

33 Ibidem, p. 1424.

34 Ibidem, p. 1424.

35 Ibidem, p. 1343.

O deus camponês

O leve sopro da liberdade, como bem destacou Sabina Loriga, aparece fortemente nas partes literárias de *Guerra e Paz*. Alguns personagens, mesmo com muitas dificuldades e limitações, conseguem agir e pensar sobre a História. Assim aconteceu com o jovem conde Pierre Bezúkhov, que tentou, durante muito tempo, encontrar o sentido de sua vida com planos mirabolantes para o futuro, mas sempre se deparava com as opressivas forças sociais que minavam toda a liberdade de suas ações. O próprio casamento de Pierre foi uma armadilha orquestrada pelo pai da noiva, que, interessado na fortuna do jovem conde, criou um falso convite de casamento. Percebendo o engodo, Pierre não conseguiu anunciar que aquilo era um grande engano e se submeteu ao fluxo das coisas:

“Tudo isso tinha de acontecer desse modo e não podia ser de outro jeito”, pensou Pierre, “por isso não adianta perguntar se é bom ou se é ruim. É bom, porque já está determinado e não existe mais a dúvida aflitiva de antes”. Pierre, em silêncio, segurava a mão da noiva e olhava para o seu peito lindo, que levantava e abaixava.³⁶

Mais adiante, totalmente insatisfeito com a vida que levava e em uma Moscou pegando fogo com os invasores franceses, Pierre se convenceu de que ele deveria matar Napoleão Bonaparte: “Sim, sozinho, por todos, tenho de agir ou perecer [...]. De resto, tanto faz, não eu, mas a mão da Providência vai executar você, é o que eu digo’ (Pierre pensava as palavras que iria pronunciar ao matar Napoleão)”.³⁷ Entretanto, no momento em que saiu de casa, envolveu-se numa briga com alguns franceses que saqueavam os moradores de Moscou e acabou preso. Seu grandioso plano de matar Napoleão falhou em poucos minutos.

Por incrível que pareça, é na prisão que Pierre encontra a tão desejada paz interior: “Agora lhe parecia incompreensível e até ridícula sua intenção de assassinar Napoleão [...]. Sua

³⁶ Ibidem, p. 259.

³⁷ Ibidem, p. 1080.

exasperação com a esposa [...] lhe parecia não só insignificante como também cômica”. O que fez o jovem conde mudar drasticamente a sua visão de vida? Primeiro, a falta de liberdade típica de uma prisão o ajudou a se desgarrar de tudo que oprimia na vida em sociedade: “A ausência de sofrimento, a satisfação das necessidades e por conta disso a liberdade de escolha de uma ocupação, ou seja, de uma forma de vida, agora pareciam a Pierre a felicidade incontestável e suprema do ser humano”.³⁸ Mas isso não seria nada sem os ensinamentos de Platon Karatáiev, um típico camponês russo que, “todos os dias, de manhã e de noite, ao deitar-se, dizia: ‘Deus, faça a gente dormir que nem uma pedra e acordar que nem um pão fresco’”.³⁹ O rosto de Platon, “apesar das pequenas rugas redondas, tinha uma expressão de inocência e juventude”.⁴⁰ Seus relatos contavam “antigas e queridas recordações do ‘cristãnes’, como ele denominava a vida camponesa”. Seus provérbios “eram esses adágios populares que, tomados isoladamente, parecem insignificantes, mas que de repente, quando usados a propósito, ganha a importância de uma sabedoria profunda”.⁴¹ Pierre viu em Platon

Uma incompreensível, redonda e eterna personificação do espírito da simplicidade e da verdade [...]. Afeições, amizades, amores, tal como Pierre entendia, Karatáiev não tinha nada disso; mas amava e vivia amorosamente com tudo aquilo que a vida punha em seu caminho [...]. Amava seu vira-lata, amava os camaradas, amava os franceses, amava Pierre.⁴²

Sem saber, Karatáiev, com a sua sabedoria essencialmente camponesa, detinha a sabedoria do mundo ao amar os infinitos elementos do presente e viver harmoniosamente com tudo ao seu redor sem pedir, exigir ou desejar nada em troca. Pierre descobriu “que o deus de Karatáiev era maior, mais infinito e inapreensível do que o arquiteto do universo

38 Ibidem, p. 1207.

39 Ibidem, p. 1160.

40 Ibidem, p. 1160.

41 Ibidem, p. 1161.

42 Ibidem, p. 1160-1161.

concebido pelos maçons [por exemplo]”.⁴³ E a descoberta e o fascínio pelo deus de Karatáiev viraram o mundo do jovem conde de cabeça para baixo:

Agora ele aprendera a enxergar em tudo o grande, o eterno e o infinito, e portanto, a fim de enxergá-lo, a fim de deleitar-se com a consciência disso, Pierre pôs de lado com toda a naturalidade a luneta em que até então olhava por cima da cabeça das pessoas e com alegria passara a contemplar à sua volta a vida eternamente mutável, grandiosa, inapreensível e infinita.⁴⁴

Amar o presente grandioso, mutável e infinito, em vez de um futuro planejado, torna-se o principal ensinamento de Karatáiev, sem o qual não há liberdade, muito menos vida:

A mesma coisa que antes o atormentava, aquilo que ele procurava o tempo todo, um objetivo para a vida, agora não existia para ele. Aliás, para Pierre, não só naquele momento que o procurado objetivo da vida não existia; Pierre sentia que tal objetivo não existia nem poderia nunca existir. E tal ausência de objetivo lhe dava a plena e alegre consciência da liberdade que, naquela ocasião, constituía sua felicidade.⁴⁵

Outro personagem digno de ser destacado é o famoso comandante em chefe do exército russo Mikhail Kutúzov, que tinha a plena consciência de que as batalhas não eram vencidas por estratégias complexas, mas por outra coisa. Em uma conversa com o seu antigo ajudante de ordens Andrei Bolkónski, Kutúzov reflete sobre a guerra passada na Turquia: “Fui muito criticado [...], mas tudo veio na hora certa. Tudo vem na hora devida para quem sabe esperar”. Há uma hostilidade do comandante em chefe em relação aos conselheiros, sempre apressados: “Querem tudo depressa, mas o rápido acaba sendo mais demorado [...]. Tomar uma fortaleza não é difícil, difícil é vencer uma campanha. E para isso não é preciso tomar de assalto e atacar, o que é preciso é *paciência* e

43 Ibidem, p. 1313.

44 Ibidem, p. 1313-1314.

45 Ibidem, p. 1313.

tempo".⁴⁶ Andrei, agitado pela atual guerra contra Napoleão Bonaparte, percebeu que a Rússia estava em boas mãos:

Quanto mais ele via a ausência de tudo o que era pessoal naquele velho, no qual restavam apenas [...] os hábitos da paixão e no qual, em lugar da inteligência [...], restava apenas a capacidade de contemplação serena da marcha dos acontecimentos, tanto mais o príncipe Andrei se sentia tranquilo, pois tudo seria o que tinha de ser.⁴⁷

Kutúzov tinha a consciência da existência de

Algo mais forte e mais relevante do que a sua vontade – a marcha inevitável dos acontecimentos – e sabia ver os acontecimentos, sabia compreender o seu significado e, à luz desse significado, sabia eximir-se de tomar parte dos acontecimentos, sabia renunciar à sua vontade pessoal.⁴⁸

Vale notar que o velho comandante em chefe tinha a mesma fé do povo essencialmente russo, que seguia uma procissão com "a Mãezinha de Smolensk", um ícone religioso. O povo ao redor parou para fazer uma prece e, no momento da reza, Kutúzov entrou no meio da multidão, "fez o sinal da cruz" e, "com os lábios esticados de um jeito infantil e ingênuo, beijou o ícone, abaixou-se e tocou a mão na terra". Era a véspera da batalha de Borodinó, que selaria todo o destino da Rússia, e Kutúzov não deixou de separar um tempo para rezar pelo seu amado povo.⁴⁹

No momento da batalha, Kutúzov tentou a todo custo controlar o ânimo das tropas em vez de pensar em estratégias complexas, na medida em que

Compreendia que era impossível para um homem comandar centenas de milhares de pessoas que lutavam contra a morte e sabia que o destino de uma batalha era decidido [...] por aquela força impalpável chamada espírito da tropa, e Kutúzov acompanhava essa força, comandava à luz dela, na medida do possível.⁵⁰

46 Ibidem, p. 901, grifo do autor.

47 Ibidem, p. 902.

48 Ibidem, p. 902.

49 Ibidem, p. 923-924.

50 Ibidem, p. 971.

No fim, Napoleão e seu grandioso exército foram derrotados, não através da racionalidade europeia cheia de estratégias complexas, e sim através da simplicidade e da humildade típica do camponês russo: “Kutúzov nunca falou [...] dos sacrifícios que ia fazer pela pátria, nem do que pretendia realizar ou tinha realizado: no geral, não falava nada sobre si mesmo, não representava nenhum papel, parecia sempre o homem mais simples e mais comum possível”.⁵¹

O velho comandante em chefe nunca se encontrou com Karatáiev, mas posso presumir que ele conhecia o deus camponês. Para Tolstói, Kutúzov era o “representante do povo russo”,⁵² aquele capaz “de discernir o significado do fenômeno que estava em curso”, cuja fonte se baseava na “consciência no presente da importância futura dos acontecimentos”, e, com isso, “no sentimento popular que ele trazia dentro de si, em toda a sua pureza e força”.⁵³ A capacidade do velho comandante – proporcionada principalmente pelo contato com as tradições russas – de entender que é impossível agir sobre milhares de indivíduos o fez ter a humildade de reconhecer que tudo que alguém pode fazer é fincar seus pés no infinito e fluido presente, tentar analisá-lo e, a partir daí, tirar alguma vantagem do indecifrável e incontrolável movimento histórico. Quem tiver essa capacidade, será abençoado pelo deus camponês e poderá ter o pouco de liberdade que existe no mundo.

Penso se a concepção de História apresentada por Tolstói proporciona uma prefiguração do presentismo. François Hartog destacou muito bem que, entre o final do século XIX e o começo do XX, diversos intelectuais como Friedrich Nietzsche (1844-1900), Walter Benjamin (1892-1940) e Jean-Paul Sartre (1905-1980) notaram a importância do presente para a História. Todos esses escritores se afastaram do ideal de progresso fortemente em voga. Age-se no calor do momento em busca de uma pequena luz para o futuro, mesmo que seja minimamente possível. Em *Guerra e Paz*, é defendido um

51 Ibidem, p. 1292.

52 Ibidem, p. 1311.

53 Ibidem, p. 1292-1294.

pensamento similar. Tudo que se pode fazer é seguir o inexorável fluxo histórico e tentar tirar algum proveito. Não à toa, Hartog defende que Tolstói adentrou nas “fissuras do regime moderno de historicidade”, captou “seus fracassos” e apreendeu “a heterogeneidade das temporalidades em curso para daí extrair um dispositivo dramático e a ocasião de um questionamento da ordem do mundo”.⁵⁴

Nota-se uma diferença crucial entre o presente de *Guerra e Paz* e o presente presentista. Enquanto o primeiro é positivo, algo novo sempre vai surgir a partir da crítica do (e no) presente, o segundo é negativo, o indivíduo nada cria no presente perpétuo, tirânico, às vezes traumático. O presente presentista é como um limbo em que não param de se repetir gestos e pensamentos que alimentam as redes sociais e o mercado neoliberal, destroem povos tradicionais e o meio ambiente, criam bombas atômicas e levam os indivíduos, alguns desesperados, outros totalmente perdidos, para um futuro inescapável, que deixa de ser um futuro, pois tudo que se vê é a iminente extinção da raça humana.⁵⁵

Outra diferença fundamental é que o passado tem um grande valor para o presente de *Guerra e Paz*. O modo de agir e de pensar do camponês russo, com todas as suas tradições, é a única forma profícua de ação individual. Evidencia-se um reconhecimento comum, entre integrantes da *intelligentsia* como Nikolai Tchernychévski (1828-1889), Aleksánder Herzen (1812-1870) e Fiódor Dostoiévski (1821-1881), sobre a importância das tradições rurais russas para evitar as mazelas da modernidade ocidental. O camponês russo seria a peça fundamental para uma modernidade alternativa. Tolstói também segue pela mesma linha. Entretanto, a modernidade alternativa de *Guerra e Paz* não está em projetos para o futuro, mas em ações no presente há muito tempo consolidadas entre os

54 HARTOG, François. *Crer em História*. Tradução de Camila Dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 128.

55 Para saber mais sobre o presente presentista, cf. HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Tradução de Andréa S. Menezes, Bruna Breffart, Camila R. Moraes, Maria Cristina de A. Silva e Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 9-16.

camponeses russos, baseadas na simplicidade da vida, na humildade em reconhecer as limitações individuais, na atenção sóbria e no amor aos infinitos elementos do mundo. Agora, é mais compreensível a afirmação de Eikhensbaum de que Tolstói foi um “nobre arcaizante” por defender as tradições do passado. Mas de arcaizante o autor de *Guerra e Paz* tem pouco, visto que ele valoriza o passado para agir no presente e abrir possibilidades, mesmo que indecifráveis, para o futuro. O presente presentista é o total oposto desses atributos. Nele, as tradições, quando não são esquecidas, são rechaçadas. A simplicidade, a humildade e a sobriedade não existem na lógica do deus mercado. A possibilidade de vida e, de futuros, é reduzida a zero com as bombas nucleares e a destruição da natureza.⁵⁶

Conclusão

A partir das análises anteriores, afirma-se que Liev Tolstói esteve longe de ser um determinista. O escritor russo defendeu um equilíbrio entre o presente, o passado e o futuro para criar possibilidades de ações profícuas sobre o mundo. É apenas no infinito e vivo presente que o indivíduo pode agir, quando os contatos com pessoas são travados e as decisões são tomadas. Mas agir no presente seria ineficaz se não valorizássemos o passado. O que deve guiar as ações individuais são as tradições camponesas russas, longe da cultura ocidental fundamentalmente liberal, e mais perto de uma vida simples, atenta aos infinitos e vivos elementos do mundo, que se movem sem cessar. Uma característica importante dos camponeses russos, de acordo com Tolstói, é justamente a humildade em não projetar planos mirabolantes para o futuro. Platon Karatáiev, mesmo preso, amava tudo que aparecia à frente e

56 Cf. o artigo de AARÃO REIS, Daniel. Os intelectuais russos e a formulação de modernidades alternativas: um caso paradigmático? *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 37, p.7-28, jan. – jun. 2006. Ver também o artigo de Huguenin em: HUGUENIN, Ana Carolina. Dostoiévski, a “mãe Rússia” e o ocidente: uma proposta alternativa de modernidade. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; ROLLAND, Denis (orgs.). *Modernidades alternativas*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

vivia um dia de cada vez sempre da mesma forma, seguida pelos seus sábios provérbios. O futuro, de forma natural e sem nenhum esforço, era simplesmente deixado de lado pela natureza camponesa. Já Mikhail Kutúzov não só pensava como se preocupava com o futuro, aliás, a Rússia precisava vencer Napoleão Bonaparte. Porém, o velho comandante em chefe tinha a consciência não só da ineficácia de projetar grandes planos para o futuro, como da necessidade de seguir o fluxo de uma força superior com o intuito de tirar o máximo de vantagens dos acontecimentos. Isso quer dizer que não existe um futuro nítido, mas possibilidades de futuros. E a forma como pensamos e agimos no presente, tendo como base o passado, permite criar ações profícuas e entender, mesmo que minimamente, os mistérios do porvir.

Referências bibliográficas

AARÃO REIS, Daniel. Os intelectuais russos e a formulação de modernidades alternativas: um caso paradigmático? *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 37, p.7-28, jan. – jun. 2006.

BERLIN, Isaiah. O porco-espinho e a raposa. In: TOLSTÓI, Liev. *Guerra e paz*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BOYER, Paul. Com Tolstói, em Iásnaia Poliana. In: RABELLO, Belkiss. *As cartilhas e os livros de leitura de Lev N. Tostói*. 2009. Dissertação de Mestrado em Literatura e Cultura Russas. Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russas do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

EIKHENBAUM, Boris. *Tolstoy in the sixties*. Translated by Duffield White. Michigan: Ardis, 1982.

HARTOG, François. *Crer em História*. Tradução de Camila Dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Tradução de Andréa S. Menezes,

Bruna Breffart, Camila R. Moraes, Maria Cristina de A. Silva e Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

HUGUENIN, Ana Carolina. Dostoiévski, a “mãe Rússia” e o ocidente: uma proposta alternativa de modernidade. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; ROLLAND, Denis (orgs.). *Modernidades alternativas*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à História*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MAISTRE, Joseph de. *Les soirées de Saint-Pétersbourg*. Lyon: J.B. Pélagaud, 1854.

TOLSTÓI, Liev. *Guerra e paz*. Tradução de Rubens Figueiredo. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.